

# A fotografia de imprensa, em Moçambique, na era digital

Por Jorge Barata

**O**s fundamentos da imagem fotográfica mudaram como consequência da evolução dos meios informáticos. O processo pelo qual passa a fotografia analógica, com o advento da fotografia digital, entre o final do século XX e o princípio deste século, é o mesmo pela qual as artes pictóricas passaram com o surgimento da fotografia, no século XIX, no qual anulou a intervenção humana expôs as limitações da visão do homem no processo de captação e interpretação da realidade.

A fotografia digital, por sua natureza matemática e propensão ao instantâneo, acompanhada dispositivos para digitalização, programas para manipulação e armazenamento de imagens sempre muito populares e de fácil obtenção, continua expondo as limitações da visão humana com suas imagens hiper-realistas.

Neste processo da era digital, do qual ainda estamos a num processo de reconhecimento, para melhor compreendê-lo, e perante todas as questões levantadas em relação ao estágio atual da fotografia, ela continua a ser uma peça fundamental para a compreensão da notícia na imprensa.

O fotojornalismo, no sentido restrito, segundo, é uma atividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista (“opinar”) através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. Este interesse pode variar de um para outro órgão de comunicação social e não tem necessariamente a ver com os critérios de noticiabilidade dominantes.

Os fundamentos da fotografia mudaram desde a sua criação. Do surgimento da fotografia à cores até a fotografia digital, eles evoluem acompanhando técnica da mesma. Os fundamentos relacionados à linguagem fotográfica (composição e enquadramento da imagem, velocidade de obturação e luz) ainda são a base técnica da fotografia na era digital. Porque apesar de toda a tecnologia envolvida na produção e operação de câmaras digitais, as técnicas para a obtenção de fotografias de qualidade são aplicáveis em qualquer tipo de câmara fotográfica.

Uma simples fotografia de um acontecimento gera interpretações diferentes. O fotojornalismo alterou essa relação com os factos testemunhados ao introduzir nela a perspectiva humana. É essa perspectiva que liga o autor ao acontecimento, a perspectiva técnica liga o autor a câmara fotográfica que se exprime no enquadramento, no contraste, na escolha do momento perfeito e da ocasião magnífica.

A qualidade editorial dos jornais moçambicanos são o único foco das discussões em seminários e palestras sobre o jornalismo nacional. O fotojornalismo, parte importante do jornalismo impresso, é relegado ao esquecimento. Mesmo sabendo-se que o fotojornalismo é uma linguagem universal que até um analfabeto é capaz de entender a mensagem. Esse distanciamento em relação ao fotojornalismo está alinhado com o pensamento de alguns meios académicos da área de comunicação que consideram que o fotojornalismo não é jornalismo,

Barata argues that photojournalism in Mozambique is in decline since independence, and despite – or perhaps because of – digital photography the scope for creative, and technically excellent photojournalism is getting smaller. He outlines some of the challenges faced by photojournalists in Mozambique today including the commercialisation of the newspaper industry which means photographs are simply used to fill space, the ease with which photographs can be digitally manipulated, and a lack of investment by newspapers on digital photography.

defendendo-se com o principal argumento de que o fotojornalista não produz notícia.

Esse esquecimento acontece num período em que parte do material fotográfico publicado pelos jornais moçambicanos não atende aos padrões técnicos e de qualidade fotojornalísticos mesmo com o uso de câmaras digitais que facilitam a captura e manipulação da imagem sem o esforço técnico necessário da fotografia analógica. Atualmente, identificam-se algumas marcas de ausência de profissionalismo e desleixo generalizado de alguns jornais principalmente os que surgiram, na década de 2000, alavancados pela tecnologia digital.

Olhando o material publicado, denota-se uma fraca habilidade técnica e domínio da linguagem fotográfica no momento da execução, e que sugere que uma parte dos fotojornalistas moçambicanos carecem de conhecimentos técnicos.

Essa falta de domínio técnico percebe-se no material fotográfico publicado onde os objetos estão mal enquadrados e distribuídos, demonstrando um desconhecimento de regras de enquadramento e composição de uma imagem criando uma poluição visual e descaracterizando o seu papel informativo. Essas falhas levam a dispersão do olhar e consequentemente a perda de interesse de entender a fotografia. Às essas falhas se acrescenta o mau uso que faz da distribuição da luz na imagem, e uso de câmaras fotográficas amadoras no exercício da profissão.



Paul Weinberg

No material fotográfico publicado, que é comum a intenção do fotojornalista registrar a situação do que propriamente quer usar o material para ilustrar uma notícia, pois, muitas tomadas são feitas sem critério algum. Pela qualidade do material fotográfico publicado e sua disposição nas páginas do jornal, denota-se, também, a falta de uma editoração fotográfica ou desconhecimento, também técnico, de quem exerce essa função, pois, não existem critérios para a publicação de material fotográfico. Devido a esse problema, a fotografia de imprensa passou a ser um apetrecho gráfico para ocupar os espaços vazios, nas páginas dos jornais, em consequência dos textos curtos do que cumprir a sua função informativa.

Fazendo uma comparação da qualidade do material fotográfico publicado na imprensa, nos primeiros 15 anos, após a independência de Moçambique com o de hoje, é positivo dizer que apesar do uso da tecnologia digital o fotojornalismo moçambicano, atual, está em franco declínio.

Esse declínio é causado pelo comodismo aparente que fotografia digital trouxe: fácil captação e manipulação de imagens. Com o mínimo esforço pode-se fazer uma fotografia sem se ter conhecimentos técnicos e domínio do aparelho fotográfico, abri-la num computador editá-la. Esse comodismo aparente da

fotografia digital faz com que muitos profissionais de imprensa não busquem o incremento e solidificação do seu nível técnico assim como conhecimento tecnológico do material que usam para tirar um melhor proveito do mesmo. Esse comodismo também é desculpa para muitos jornais não investirem em tecnologia adequada as exigências da profissão, e para a contratação de profissionais de baixo nível técnico.

A fotografia digital, pelas suas características eletrônicas, levou a perda da fotografia como evidência, mas, mesmo assim, nesta era, ela continua a cumprir o seu papel informativo na imprensa sob o rigor de políticas editoriais para evitar a manipulação e proteger a credibilidade do que é publicado.

Os jornais moçambicanos precisam, ainda, de criar políticas para a contratação de profissionais da imagem, incluindo editoração; normas técnicas para a veiculação de material fotográfico. Se esse passo não for dado para enfrentar e se adequar a esta nova era, fica a sentença de que a fotografia de imprensa, em Moçambique, perderá o seu valor informativo.



*Jorge Barata is a lecturer at the School of Communication Arts at the Eduardo Mondlane University in Maputo, Mozambique. He is a masters student in visual communication at the State University of Londrina in Brazil.*